

## **O mundo do texto na hermenêutica de Paul Ricoeur: um breve estudo sobre as narrativas ficcional e histórica nos trabalhos do literato Machado de Assis e do historiador Sidney Chalhoub**

---

 **Murilo Vilarinho**

Doutorando em Sociologia  
Universidade Federal de Goiás

### **Resumo:**

Paul Ricoeur, por meio da hermenêutica, desenvolveu uma série de recursos teóricos para se pensar o mundo do texto. Assim, surgiram diversos conceitos sobre elementos do campo narrativo, ou seja, a definição de narrativas histórica e ficcional, do texto, da identidade narrativa etc. Tais elementos são de suma importância para o estudioso que almeja refletir sobre o texto como fonte reveladora do Outro e da historicidade. Nesse sentido, este trabalho almeja refletir esse universo conceitual da hermenêutica ricoeuriana e pensar, à luz desse aporte teórico, as construções ficcional e histórica, ilustradas pelas obras de Machado de Assis — *Memórias póstumas de Brás Cubas* — e Sidney Chalhoub — *Machado de Assis, historiador*. Por fim, o trabalho tentará responder a seguinte questão, no que concerne a produção intelectual, será que Machado de Assis foi um historiador como advoga Chalhoub ou apenas um literato?

### **Palavras-chave:**

Ricoeur, Paul, 1913-2005  
Hermenêutica  
História — Metodologia

Artigo produzido durante o estudo da disciplina doutoral "Memória, história e historiografia. A experiência republicana (1889-1930)", ministrada pelo Prof. Dr. Noé Freira Sandes, do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás.

## A hermenêutica de Paul Ricoeur: concisas notas sobre o mundo do texto

*A memória a que estão inerentes as palavras, revolvendo-as,  
faz vir ao espírito as próprias coisas, de que as palavras são sinais.*

Santo Agostinho

Paul Ricoeur (1913-2005) produziu reflexões importantes no que diz respeito ao mundo da escrita — o texto — com a finalidade de conhecimento de si e do Outro.<sup>1</sup> A escrita — narrativa — é elemento essencial para a interpretação e a compreensão do universo do Outro e do universo social, político, ideológico de dada época. A escrita é uma via que possibilita ao historiador penetrar no presente do passado (Santo Agostinho), bem como reconstruir e contar (narrar) o rastro do Outro. Assim sendo, a escrita é “um remédio ou um veneno”, como nos lembra Ricoeur, pois ela se apresenta como uma via de mão dupla, isto é, conservando os fatos do esquecimento e cambiando o esforço de memória.<sup>2</sup>

A escrita, manancial de informações daquilo que foi dito, nem sempre apresenta a realidade “ipsis litteris”; porém, exprime realidades e possibilidades de interpretações. Eis o discurso fixado pela escrita.<sup>3</sup> Mediante o mundo do texto, isto é, da escrita, das narrativas, a hermenêutica de Ricoeur se mostra como uma interessante ferramenta de trabalho para o historiador, haja vista que ela objetiva compreender o Outro por meio do deciframento dos rastros (escrita). Nesse sentido, a hermenêutica de Ricoeur adentra a trama textual — registro do ausente, ou seja, do ter sido —

1 Paul Ricoeur foi um filósofo francês, catedrático, intelectual e discípulo das ideias de Husserl. Percorreu o pensamento de Dilthey (1833-1911), que se propunha a compreender o texto pelo texto; Heidegger (1889-1976), cuja ontologia estava voltada à compreensão do ser no mundo; Gadamer (1900-2002), para quem a obtenção da verdade só seria possível por meio do método, de modo que seria necessário utilizar experiência (hermenêutica) expressa na linguagem, por exemplo. Segundo o estudioso ricoeuriano Marcelino Agis Villaverde, a filosofia de Ricoeur pode ser pensada sistematicamente em quatro períodos, a saber: formação e influências (até 1950), fase fenomenológica (1950-1960), fase hermenêutica (1960-1990) e fase ético-política (1990-2005). Ver Marcelino Agis Villaverde, “Paul Ricoeur: los caminos de la hermenéutica”, *Ágora: papeles de Filosofía*, 25, 2 (2006), p. 25-44, <http://dspace.usc.es/bitstream/10347/1309/1/01.Agis.pdf>, acesso em 7 jan. 2012. Sem dúvida uma das figuras mais importantes no campo acadêmico durante o século XX, produziu grandiosa e complexa obra. Para Ricoeur, o mundo da escrita, ou mundo do texto, é um “mundo no qual poderíamos morar e desdobrar nossas potencialidades”. Paul Ricoeur, *A memória, a história, o esquecimento*, Campinas, Unicamp, 2007, p. 275.

2 Ricoeur, *A memória, a história, o esquecimento*.

3 Ricoeur, *Do texto à ação: ensaios de hermenêutica*, Porto, Rés, 1986, v. II.

interpreta o Outro, suas experiências e o seu momento histórico no presente. Dessa forma, o passado alinha-se ao presente.

A escrita, um dos maiores trunfos da construção humana, além de revelar a aurora da razão humana, tem basilar importância para o historiador, haja vista que ela permite ao estudioso acessar ao passado. Nesse sentido, a hermenêutica, ferramenta que considera o passado como um produtor de sentido, cujos rastros permanecem moveções no presente (o texto seria o depósito desse passado), predispõe à historiografia uma série de parâmetros que auxiliam o historiador a pensar o passado e interpretá-lo; em outras palavras, a fazer uma viagem de retorno ao território estrangeiro que foi oculto pelo tempo.<sup>4</sup> Por conseguinte, a hermenêutica para Ricoeur é “a teoria das operações de compreensão”, ou seja, a filosofia da interpretação, a qual pode ser de símbolos, signos e textos.<sup>5</sup>

A hermenêutica de textos (interpretação de narrativas) abrange os gêneros poético, fictício e histórico. Segundo Ricoeur, “chamamos texto a todo discurso fixado pela escrita. Segundo esta definição, tal fixação é constitutiva do próprio texto”.<sup>6</sup> A hermenêutica que o filósofo entende para o texto é aquela que busca a verdade, embora seja sabido que não há uma verdade única das coisas. Assim sendo, o autor do texto, o próprio mundo textual e o leitor da narrativa contribuem na composição da obra. Em resumo, o leitor auxilia na construção semântica da obra; o autor se deixa ler; da leitura da obra até a interpretação pelo leitor, produz-se outro texto sobre ela.<sup>7</sup> Todos, por fim, têm compromisso na edificação da verdade real.

No que concerne à verdade, ela só se expressa pelo modo narrativo.<sup>8</sup> É por meio da narração que o discurso se torna um texto. Em se

4 Para o filósofo francês, “o trabalho do historiador, como todo trabalho sobre o passado, não consiste somente em estabelecer fatos, senão também em escolher os mais destacados e significativos dentre eles e em relacioná-los entre si. [...] este trabalho de seleção e de combinação está orientado necessariamente pela busca não a verdade, senão do bem”. Ricoeur, *A memória, a história, o esquecimento*, p. 117.

5 Ricoeur, *Do texto à ação*.

6 Ricoeur, *Historia y narrativa*, Barcelona, Paidós, 1999, p. 59.

7 Interessante observar esta passagem dos escritos de Ricoeur, pois nela ele argumenta sobre o processo de leitura do texto e o processo de interpretação: “ler é, em qualquer caso, entrelaçar um discurso novo com o discurso del texto. Esta imbricação de um discurso com outro põe em destaque, na própria constituição do texto, sua capacidade original de ser reconsiderado, seu caráter aberto. A interpretação é o resultado concreto desta imbricação e desta reconsideração”. Ricoeur, *Historia y narrativa*, p. 74.

8 Em consonância com o pensamento de Ricoeur, acredita-se que a narrativa é uma proposta de sentido. Assim, “toda proposta de sentido é [...] uma pretensão à verdade”. Ricoeur,

tratando de narração, Ricoeur indica a existência de duas espécies narrativas: a histórica e a ficcional.<sup>9</sup> Ambas são caracterizadas pela similaridade no plano da configuração e pelo uso da narratividade no cotidiano. Quer dizer, ação de contar (pré-compreensão do campo narrativo) ou “mimese I”.<sup>10</sup>

Em resumo, a hermenêutica de Ricoeur se distancia da teoria kantiana do conhecimento em relação à interpretação, já que enquanto esta visa considerar a hermenêutica como método objetivo, aquela assevera que o ser humano traz consigo uma série de interpretações em face de um fato do mundo da vida.<sup>11</sup> Ora, para a hermenêutica ricoeuriana, compreender é um modo de ser do indivíduo e não um método fixado. O indivíduo vive atribuindo significado e compreendendo suas relações com o mundo da vida. Esse modo de ser do indivíduo se evidencia no plano da linguagem que possui múltiplos sentidos, se evidencia no mundo do texto, enfim, na narratividade (ficcional e histórica) do cotidiano.

\* \* \*

Machado de Assis, homem de pensamentos argutos, refletiu e redigiu ironicamente a sociedade farisaica da corte carioca do século XIX. O literato produziu vastíssimo trabalho (romances, contos e crônicas), representando o dia a dia do Rio de Janeiro imperial e, mais tarde, o republicano. A ficção acompanhou Machado de Assis na construção de seus temas, na nomeação de seus personagens, bem como na arquitetura da trama textual e no cenário (cotidiano e psicológico), em que se evidenciou a

*Tempo e narrativa III*, Campinas, Papirus, 1997, p. 329.

9 Ricoeur, *Tempo e narrativa II*, Campinas, Papirus, 1995.

10 Por “mimese” o filósofo entende “a imitação ou a representação da ação no meio da linguagem métrica”. Ricoeur, *Tempo e narrativa I*, Campinas, Papirus, 1994, p. 59. A dialética da narratividade se divide em três, isto é, mimese I: compreensão do mundo (prefiguração do tempo); mimese II: composição da intriga (configuração da narrativa); e mimese III: recepção do texto pelo leitor (refiguração).

11 Husserl apresenta um conceito interessante de mundo da vida, que, segundo ele, é um “amplo espaço de experiências monstrengas, certezas pré-categoriais, relações intersubjetivas e valores que nos são familiares no trato cotidiano com os homens e com as coisas. Dessa forma, ele evidencia que o sujeito, enquanto tal, tem um mundo ao seu redor e a ele pertence — como os demais seres — não necessitando recorrer à ciência experimental para afirmar a certeza disso. Não se trata portanto de um mundo na atitude natural, mas é o mundo histórico-cultural concreto, das vivências cotidianas com seus usos e costumes, saberes e valores ante os quais se encontra a imagem do mundo elaborado pela ciência” Jovino Pizzi, *O mundo da vida: Husserl e Habermas*, Ijuí, Unijuí, 2006, p. 63.

teatralização da vida social, política, cultural da “moderna”, porém escravista (até 1888) da capital do Brasil.<sup>12</sup>

Das narrativas ficcionais machadianas do século XIX até o XX, o contexto carioca se modificou da mesma sorte que o brasileiro. Todavia, no presente, muitos estudiosos do campo da historiografia se apoiam em narrativas ficcionais como as de Machado de Assis com o fito de pensar o século XIX (o tempo que passou, ou seja, o ter sido) em suas várias facetas (“recuperando-as” em sua temporalidade).<sup>13</sup> Desses estudiosos, o historiador Sidney Chalhoub, professor da Universidade Estadual de Campinas, por exemplo, propõe interpretar a história da sociedade carioca (brasileira) do século XIX por meio das narrativas de ficção machadianas. Segundo o estudioso, Machado de Assis, ao representar a sociedade da corte, “reescreveu a história do Brasil do século XIX”.<sup>14</sup> O estudioso, portanto, ao enunciar tal assertiva, lança-se à construção de uma narrativa histórica a partir do pensamento machadiano.

\* \* \*

Este trabalho visa apresentar alguns traços da hermenêutica de Ricoeur, no que toca o mundo do texto (narrativas). Isso feito, a reflexão segue para a exposição da narrativa ficcional e histórica (Ricoeur) a partir dos trabalhos de Machado de Assis, com foco dirigido às *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de 1881, primeiro romance da estética realista nacional, escrito na fase madura do literato, fonte reveladora da hegemonia escravista e senhorial. Trata-se da obra de um autor que pensou a corte oitocentista e vivenciou alguns acontecimentos importantes da história do Brasil. Somado a isso, toma-se o apresentado por Sidney Chalhoub em *Machado de Assis, historiador*, de 2003, que estruturou seu trabalho respaldado pelo lastro

12 Machado de Assis pensou a sociedade carioca, não a sociedade brasileira. Contudo, os temas que o literato discutiu também refletiam sobre o país como um todo. Neste trabalho, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* figura como texto base para se pensar a narrativa ficcional machadiana. Assim sendo, é válido ressaltar que o texto reflete a sociedade carioca oitocentista em suas várias nuances, isto é, a escravidão, os dependentes dos senhores, os senhores, trabalhadores livres, etc. Todavia, neste trabalho, será frisada apenas a relação senhor-escravo como representação primeira de uma sociedade escravista.

13 Para Ricoeur, “o mundo exibido por qualquer obra narrativa é sempre um mundo temporal. [...] o tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo; em compensação, a narrativa é significativa na medida em que esboça os traços da experiência temporal”. Ricoeur, *Tempo e narrativa I*, p. 15.

14 Sidney Chalhoub, *Machado de Assis, historiador*, São Paulo, Companhia das Letras, 2003, p. 17.

histórico do cenário social da corte, por meio dos escritos machadianos, como testemunho histórico do Brasil imperial.

Com efeito, este trabalho se propõe a pensar a hermenêutica ricoeuriana do mundo do texto. E, nesse sentido, objetiva visualizar, analisar e discutir, por meio desse aparato teórico, as construções textuais do literato Machado de Assis, bem como do historiador Chalhoub, à luz dos conceitos de narrativas ficcional e histórica.<sup>15</sup> Para tanto, o trabalho se distribuirá em três seções: terá início com “Breves reflexões sobre a narrativa histórica e ficcional em Paul Ricoeur” (esses conceitos serão absorvidos nas seções posteriores, quando forem evidenciadas as análises); passará em seguida pela seção “*Memórias póstumas de Brás Cubas*: um romance oitocentista sobre a sociedade escravista da Corte por Machado de Assis — pensando a narrativa ficcional”; e finalizará em “Machado de Assis historiador: um estudo dos escritos machadianos por Sidney Chalhoub — pensando a narrativa histórica”. Nesse momento final, o trabalho tentará responder se Machado de Assis foi um historiador como advoga Chalhoub ou se foi apenas um literato, no que concerne a produção intelectual (escritos, narrativas).

### **Breves reflexões sobre a narrativa histórica e ficcional em Paul Ricoeur**

A narrativa é uma das formas de revelar a historicidade de um dado indivíduo ou grupo social. Por meio da narrativa, compõe-se e recompõe-se a experiência de vida de um indivíduo em relação ao si e ao Outro. O ato narrativo narra fatos históricos, narra intrigas, personagens, etc. Assim, observa-se entre as espécies de narrativas duas que serão trabalhadas neste texto: narrativa ficcional e histórica, pensadas por Ricoeur.

No que concerne à composição das formas de texto (tanto ficcional quanto histórica), Ricoeur aponta primeiramente a fabricação da intriga. Esse momento se inicia na mimese I ou pré-compreensão do mundo, em que são consideradas as estruturas inteligíveis (atos do discurso — elementos da futura trama textual), recursos simbólicos e os caracteres

15 Ricoeur acredita que as construções textuais (narrativas) são dotadas de intrigas. A intriga é a ponta de lança da narrativa, pois ela ajuda a formatar a realidade. A intriga, por fim, ganha vida na pré-compreensão do mundo da ação, quando se torna discurso redigido, e na leitura. Ricoeur, *Tempo e narrativa I*.

temporais. Em seguida, vem a mimese II, pela qual o filósofo indica o momento da configuração do texto ou da composição textual da intriga (síntese do heterogêneo discordante). E, por fim, a mimese III ou a refiguração da experiência temporal, em que o mundo do leitor é acionado.

Observa-se que ambas as formas de texto seguem o mesmo processo de composição. Pontuado isso, com a finalidade de estabelecer as diferenças entre as formas de texto, Ricoeur enuncia:

O par narrativa histórica/narrativa de ficção [...] é claramente antinômico. Uma coisa é um romance [...], outra coisa, um livro de história. Distinguem-se pela natureza do pacto implícito ocorrido entre o escritor e seu leitor. Embora informulado, esse pacto estrutura expectativas diferentes, por parte do leitor, e promessas diferentes, por parte do autor. Ao abrir um romance, o leitor prepara-se para entrar num universo irreal a respeito do qual a questão de saber onde e quando aquelas coisas aconteceram é incongruente; em compensação, o mesmo leitor está disposto a operar o que Coleridge chamava de *wilful suspension of disbelief* [suspensão intencional da descrença], sem garantia de que a história narrada seja interessante: o leitor suspende de bom grado sua desconfiança, sua incredulidade, e aceita entrar no jogo do como se — como se aquelas coisas narradas tivessem acontecido. Ao abrir um livro de história, o leitor espera entrar, sob conduta de devorador de arquivos, num mundo de acontecimentos que ocorreram realmente. Além disso, ao ultrapassar o limiar da escrita, ele se mantém em guarda, abre um olho crítico e exige, se não um discurso verdadeiro comparável ao de um tratado de física, pelo menos um discurso plausível, admissível [...], honesto.<sup>16</sup>

Tomando-se por base essas palavras de Ricoeur, nota-se que, ao traçar a antinomia entre ambas narrativas, o filósofo já lançou os domínios conceituais dos dois tipos. Por esse prisma, pode-se concluir que a narrativa histórica fala sobre o real como passado, da mesma sorte que a narrativa ficcional fala sobre o irreal como fictício.<sup>17</sup> Elas são igualmente estruturadas quanto à forma. Resta acrescentar que embora ambas as formas de texto tenham objetivos díspares (intencionalidade e referencialidade), elas partem da experiência de vida do indivíduo, entrecruzam-se, resultam na identidade

16 Ricoeur, *A memória, a história, o esquecimento*, p. 274-275.

17 Contudo, é válido ressaltar que “mesmo o imaginário tem sua verdade peculiar que o romancista bem conhece, e também o leitor: é verdadeiro um personagem quando sua coerência interna, quando sua presença completa na imaginação tem o criador sob sua dependência e convence o leitor”. Ricoeur, *História e verdade*, Rio de Janeiro, Forense, 1968, p. 177.

narrativa (evidenciada por meio do entrecruzamento entre ficção e história) e se complementam.

Com base no corpus hermenêutico do filósofo, é sabido que a construção dos textos (histórico e ficcional) parte da mimese I. Com relação às análises dispensadas tanto à ficção quanto à história, elas são respaldadas pela mimese III — refiguração.<sup>18</sup> Assim, o que difere uma de outra são os fatores referencialidade e intencionalidade. Nesse sentido, nos domínios textuais da história, a referência é o passado real. Já nos domínios textuais da ficção, a referência é o poder ser (passado, presente e futuro possíveis). No que tange a intencionalidade, pensa-se que a narrativa histórica se volta para a busca da verdade histórica, isto é, ela busca reconstruir o que um dia foi real. Por sua vez, a narrativa ficcional prima pelas variantes imaginativas em relação à experiência vivenciada.

Ricoeur menciona ainda que há um entrecruzamento entre ambas as formas de narrativas, cujo produto final seria a formação da identidade narrativa. No que concerne à identidade narrativa, ela se forma por meio do intercâmbio entre a intencionalidade da narrativa ficcional e histórica. Por esse ângulo, tal intercâmbio (a intencionalidade histórica se edifica a partir da incorporação dos recursos da intencionalidade ficcional) resultaria na emergência da “representância” como parâmetro da identidade narrativa.<sup>19</sup> Assim sendo, é válido ressaltar a reflexão de Ricoeur sobre o entrecruzamento:

A ficção é quase histórica tanto quanto a história é quase fictícia. A história é quase fictícia tão logo a quase-presença dos acontecimentos colocados “diante dos olhos” do leitor por uma narrativa animada supre, por sua intuitividade, sua vivacidade, o caráter esquivo da passividade do passado, que os paradoxos da representância ilustram. A narrativa de ficção é quase história na medida em que os acontecimentos irreais que ela relata são fatos passados para a voz narrativa que se dirige ao leitor; é assim que eles se parecem com acontecimentos passados e a ficção se parece com a história. [...] A relação é, aliás, circular.<sup>20</sup>

18 Com o objetivo de refigurar o tempo, Ricoeur enuncia que a narrativa histórica se utiliza de certos instrumentos de pensamento, como o calendário, documentos, rastros etc., para estruturar nosso tempo histórico. Esses instrumentos ligam o tempo vivido ao tempo universal. Ao passo que, no tempo fictício, não há necessidade de conexão do tempo fictício (marcas temporais) com o tempo universal. A irrealidade é estatuída na obra, haja vista que a ficção se configura a partir de variantes imaginativas, Ricoeur, *Tempo e narrativa III*.

19 Ricoeur, *Tempo e narrativa III*.

20 Ricoeur, *Tempo e narrativa III*, p. 329-330.

Além da relação de intercâmbio, ambas as narrativas estabelecem ainda uma relação de complementaridade.<sup>21</sup> É sabido, a partir do pensamento Ricoeur, que a análise tanto sobre a narrativa histórica quanto sobre a narrativa ficcional refiguram (etapa de mimese III) a experiência vivida. No que toca a análise da história, a convicção anima os passos do historiador:

o recurso a documentos marca uma linha divisória entre a história e a ficção: ao contrário do romance, as construções do historiador visam ser reconstruções do passado. Por meio do documento e da prova documentária, o historiador está submetido ao que, um dia, foi. Ele tem em uma dívida para com o passado, uma dívida de reconhecimento para com os mortos.<sup>22</sup>

Nota-se que o historiador refigura o tempo vivido. Desse modo, há a refiguração do tempo passado no presente. Assim, a distância de temporalidade desaparece com relação ao que um dia foi: a construção do texto narrativo histórico se torna uma alteridade. Essa refiguração do tempo vivido pelo historiador, o filósofo a caracteriza como sendo a “representância”.

No que diz respeito à análise fictícia, observa-se que o texto fictício passa pelo mesmo processo de refiguração do texto histórico, embora ele não culmine na “representância”, mas na significância. Assim sendo, a função da análise fictícia é a de significância da realidade, e a da análise histórica é a “representância” do passado.<sup>23</sup> Em face disso, é a partir da leitura que as obras históricas e ficcionais ganham a “representância” e a significância. Nesta, a passagem da mimese II à mimese III é marcada pelo confronto entre o universo fictício do texto e o universo real do leitor. Naquela, é caracterizada pelo confronto entre o universo histórico do texto e o universo real do leitor.

21 Nesse ponto, imagina-se que a história precise da ficção para refigurar a experiência vivida, da mesma sorte que a história se ocupa da ficção para refigurar a experiência vivida.

22 Ricoeur, *Tempo e narrativa III*, p. 245.

23 Significância “exprime uma análise fictícia da realidade, cujas funções são relevante e transformante: relevante no sentido de que revela características dissimuladas, mas já delineadas no coração de nossa experiência praxica; transformante, no sentido de que uma vida assim examinada é uma vida mudada, uma vida diferente”. Por sua vez, “representância ou lugar-tenência significa explicação dialética do passado” Ricoeur, *Tempo e narrativa III*, p. 274.

O ato de narrar uma história real ou fictícia estrutura a forma narrativa que se refere à experiência do ser no mundo.<sup>24</sup> Consequentemente, tal forma é fonte reveladora de historicidade. Logo, cabe à historiografia como campo (narrativas das ações humanas do passado) a investigação dessa fonte do ter sido, isto é, do texto histórico e ficcional.

Por fim, o texto é a malha linguística do discurso. Dito de outro modo, é o discurso fixado pela escrita a qual se torna fonte de memória do indivíduo ou da coletividade. Nesse sentido, essa memória (discurso) passa pelo crivo da interpretação e da compreensão — perspectivas que só acontecem a partir do processo de leitura.<sup>25</sup> No mais, ler é reorganizar um novo discurso, um novo encadeamento, um novo texto.

### ***Memórias póstumas de Brás Cubas: um romance oitocentista sobre a sociedade escravista da corte por Machado de Assis — pensando a narrativa ficcional***

A literatura machadiana, formada por romances, contos e crônicas, traduziu o universo social da corte oitocentista. Através de um olhar arguto e pertinente, Machado de Assis tomou emprestada a substância cotidiana do espaço urbano da sede imperial e proporcionou forma a essa substância nas entrelinhas de suas tramas textuais.

Muitos temas foram trabalhados por Machado de Assis. A escravidão foi um deles, embora haja estudiosos, tais como Silvio Romero, Raimundo Faoro e Roberto Schwarz, que apontam o escritor como um literato não engajado com a causa negra ou que discutiu muito pouco o assunto. Acredita-se que o literato, por meio da ironia e da prática elegante da escrita incisiva, construiu suas ficções com objetivo de retratar a realidade

24 História, de acordo com Ricoeur, “é uma sequência de ações e de experiências feitas por certo número de personagens, quer reais, quer imaginários. Esses personagens são representados em situações que mudam ou a cuja mudança reage. Por sua vez, essas mudanças revelam aspectos ocultos da situação e dos personagens e engendram uma nova prova (*predicament*) que apela para o pensamento, para a ação ou para ambos. A resposta a essa prova conduz a história à conclusão”. Ricoeur, *Tempo e narrativa I*, p. 214.

25 Nesse sentido, são sábias as palavras de Ricoeur: “podemos, enquanto leitor, permanecer na expectativa do texto, tratá-lo como texto sem mundo e sem autor; explicamo-lo, então, pelas suas relações internas, pela sua estrutura. Ou, então, podemos levantar o suspense do texto, consumir o texto em falas, restituindo-o à comunicação viva; nesse caso, interpretamo-lo. Essas duas possibilidades pertencem [...] à leitura e a leitura é a dialética dessas duas atitudes”. Ricoeur, *Do texto à ação*, p. 149.

da sociedade da corte, ou seja, uma sociedade que se acreditava civilizada e nobre, porém escravista e patriarcalista.

Assim, a obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de 1881, que abriu o realismo brasileiro, foi o primeiro texto escrito no período de reconhecida maturidade de Machado de Assis. Buscando subsídio em Ricoeur, *Memórias póstumas* seria uma narrativa ficcional, irreal, mas quase histórica, na medida em que relata um momento passado (ou seja, da corte escravista do século XIX). Esse material literário foi analisado por Chalhoub e tomado como elemento de memória passível de revelar o passado da sociedade escravista carioca, bem como da localização do escravo nesse cenário social. O livro de Chalhoub, *Machado de Assis, historiador*, nasce (narrativa histórica) com a finalidade de apresentar o Machado de Assis que fez história, cujo trabalho ficcional leva ao conhecimento histórico (real) da sociedade a partir da segunda metade do século XIX.

\* \* \*

O negro desde a colônia era tido como uma propriedade e objeto de seu senhor, dono de terras e títulos. As palavras a seguir refletem essa perspectiva: “Em geral, tem sido dito que o escravo possui três características definidoras: sua pessoa é a propriedade de outro homem, sua vontade está sujeita à autoridade do seu dono e seu trabalho ou serviço são obtidos através da coerção”.<sup>26</sup>

Durante o Império, a mão de obra continuou sendo escrava, salvo a mão de obra imigrante que, a partir da segunda metade do século XIX, se tornou cada vez mais presente no Brasil. No que concerne à escravidão, nem com a Independência em 1822, as relações escravocratas se modificaram. A base econômica do Império de Dom Pedro I e Pedro II foi respaldada em grande medida pelo regime escravo — mesmo considerando a mobilidade político-social conferida pela luta abolicionista nos moldes de Castro Alves (1847-1871) e José do Patrocínio (1853-1905), por exemplo; ou, pensando nas Leis Eusébio de Queiroz (1850), do Ventre Livre (1871) e dos Sexagenários (1885), que apenas “adocicaram” a violência contra algumas faixas etárias de uma raça condenada.

26 Jacob Gorender, *O escravismo colonial*, 6. ed., São Paulo, Ática, 2001, p. 47.

Através de uma visão apurada e atenta às nuances sociais do Brasil Império, Lília Schwarcz, em *As barbas do Imperador*, traça as linhas específicas sobre o contexto escravista na sociedade da corte. Por esse prisma descreve:

Na ótica da corte, o mundo escravo, o mundo do trabalho, deveria ser transparente e silencioso. No entanto, o contraste entre as pretensões civilizadoras da realeza — orgulhosa com seus costumes europeus — e a alta densidade de escravos é flagrante. [...] os cativos representavam de metade a dois quintos do total de habitantes da cidade do Rio de Janeiro no decurso do século XIX. A corte reunia em 1851 [...] a maior concentração urbana de escravos existente no mundo desde o final do Império romano: 110 mil escravos em 266 mil habitantes. Tal volume de cativos levava a uma divisão fundamental: de um lado, a rua do Ouvidor, com seus hábitos requintados e europeus; de outro, uma cidade quase negra em suas cores e hábitos africanos.<sup>27</sup>

Em suas descrições, a autora também acrescenta:

Dividindo espaços, a corte da Rua do Ouvidor tentava fazer da escravidão um cenário invisível. Não obstante, entranhado não só no município neutro do Império como em todo o território nacional, o cativo existente no Brasil era uma ameaça constante à estabilidade da monarquia e contrastava com o brilho civilizatório desse reino americano. [...] A escravidão era e seria, até o final do reinado de D. Pedro II, a grande contradição de seu Império, que pretendia, quase, europeu.<sup>28</sup>

Diante do cenário carioca oitocentista, a escritora descreveu alguns aspectos do mundo social e ideológico da sociedade escravista à época do Império. Tais considerações demonstram o quão rígidas eram as estruturas escravocratas em relação ao período que preconizava o advento da República e da “modernidade”, a partir da segunda metade do século XIX. A ideologia burguesa de liberdade, igualdade e fraternidade tornou-se lema no velho mundo; contudo, no Brasil, esse lema se fundamentou em diretrizes para “inglês ver”, segundo o vocabulário cotidiano. Em resumo, a sociedade

27 Lília Moritz Schwarcz, *As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*, São Paulo, Companhia das Letras, 1998, p. 163.

28 Schwarcz, *As barbas do imperador*, p. 164.

da corte era escravista, patriarcalista e patrimonialista, com ares de liberal e civilizada, expressos na monarquia constitucional.<sup>29</sup>

\* \* \*

É visível, de acordo com a reflexão de Lilia Schwarcz que o universo escravo era um universo que deveria ser invisível, ou seja, uma raça cujos membros não eram considerados como seres humanos, isto é, portadores de humanidade e civilidade. Assim, é do panorama sociopolítico da corte que Machado de Assis retirou a substância para compor seus textos e reconstruir os universos sociais e mentalidades dos homens de sua época.

Tomando por base o exposto, apresentam-se algumas passagens dos escritos machadianos, as quais parecem ser reveladoras da ironia do literato no que concerne o sistema escravista e patriarcalista.

Na obra *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), no capítulo XI, “O menino é pai do homem”, Machado de Assis, por meio do universo da personagem Brás Cubas e de acordo com excerto abaixo, descreve o cenário de onde a personagem adveio (contexto patriarcal); revela os traços da sociedade escravista, ao expor o escravo como coisa de que o “nhonhô” dispunha a seu bel prazer; delineia a psicologia do indivíduo pertencente à sociedade da corte, ou seja, um indivíduo formado em um contexto familiar que não apresentava barreiras às atrocidades contra o negro, portanto, um espaço que formava o indivíduo livre a contemplar o egoísmo e a injustiça humana, caracteres que seriam transplantados para a vida social pública.<sup>30</sup>

Cresci; e nisso é que a família não interveio; cresci naturalmente, como crescem as magnólias e os gatos. Talvez os gatos são menos matreiros, e com certeza, as magnólias são menos inquietas do que eu era na minha infância. Um poeta dizia que o menino é pai do homem. Se isto é verdade, vejamos alguns lineamentos do menino. Desde os cinco anos, merecera eu a alcunha de “menino diabo”; e verdadeiramente não era outra coisa; fui dos mais malignos

29 No sentido weberiano do termo patrimonialismo, o administrador dos bens públicos faz desses bens a extensão dos seus: em outras palavras, a esfera pública é subsumida à privada. Assim, a burocracia pura não existe.

30 Tais caracteres podem ser compreendidos à luz da teoria do homem cordial, de Sérgio Buarque de Holanda, a qual aponta a falta de ética e civilidade no trato com a pessoa humana. Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras, 1999.

do meu tempo, arguto, indiscreto, traquinas e voluntarioso. Por exemplo, um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher do doce de coco que estava fazendo, e, não contente com o malefício, dei um punhado de cinza ao tacho, e, não satisfeito da travessura, fui dizer à minha mãe que a escrava é que estragara o doce “por pirraça”; e eu tinha apenas seis anos. Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia, — algumas vezes gemendo, — mas obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito, um — “ai, nhonhô!” — ao que eu retorquia: — “Cala a boca, besta!” — Esconder os chapéus das visitas, deitar rabos de papel a pessoas graves, puxar pelo rabicho das cabeleiras, dar beliscões nos braços das matronas, e outras muitas façanhas deste jaez eram mostras de um gênio indócil, mas devo crer que eram também expressões de um espírito robusto, porque meu pai tinha-me em grande admiração; e se às vezes me repreendia, à vista de gente, fazia-o por simples formalidade: em particular dava-me beijos. Não se conclua daqui que eu levasse todo o resto da minha vida a quebrar a cabeça dos outros, nem a esconder-lhes os chapéus; mas opiniático, egoísta e algo contemptor dos homens, isso fui; se não passei o tempo a esconder-lhes os chapéus, alguma vez lhes puxei pelo rabicho das cabeleiras. Outrossim, afeiçoei-me à contemplação da injustiça humana, inclinei-me a atenuá-la, a explicá-la, e classifiquei-a por partes, a entendê-la, não segundo um padrão rígido, mas ao sabor das circunstâncias e lugares.<sup>31</sup>

*Memórias póstumas*, escrito anterior à Lei Áurea, apresenta neste excerto ao leitor atento a instituição escravista e a psicologia social que regava as suas árduas estruturas. Machado não deixou de revelar a verdade dessa estrutura nas entrelinhas de seu romance. Ele criou um universo análogo à realidade social, reportando ao pensamento de Goldmman.<sup>32</sup>

A obra é uma narrativa ficcional. A postura do literato é diferente do historiador, embora o recurso narrativo seja o mesmo para ambos. Com relação ao historiador e o literato, nota-se:

31 Joaquim Maria Machado Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1997, p. 15 (obra completa, v. I).

32 Lucien Goldmman, um clássico na sociologia da literatura, comenta que o escrito (romance ou outras peças literárias) é uma “criação de um mundo cuja estrutura é análoga à estrutura essencial da realidade social” (Lucien Goldmann, *Sociologia do romance*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967, p. 195).

o poeta cria uma intriga que também se mantém em virtude de seu esqueleto causal. Mas este não constitui o objeto de uma argumentação. [...] o poeta procede a partir da forma, o historiador em direção à forma. Um produz, o outro argumenta. E argumenta porque sabe que se pode explicar de modo diverso. E o sabe, porque está, como o juiz, numa situação de contestação e de processo e porque sua defesa nunca está terminada.<sup>33</sup>

Em resumo, em *Memórias póstumas*, o literato, por meio da fala do defunto-autor, explana sobre a sociedade farisaica da corte, desnuda o contexto escravista e a frivolidade do indivíduo formado pelos liames do patriarcalismo. A escrita machadiana revela a sociedade de maneira irônica. A intriga construída no romance tem como objetivo contar sobre sociedade escravocrata e egocêntrica da corte e, também, criticá-la. A forma cingida pelo realismo literário condensa a trama textual de Machado de Assis. A narrativa ficcional é o modo em que o literato se expressa e representa a sociedade carioca. Machado de Assis produz a narrativa atendo-se à forma estética e aos recursos estilísticos, isto é, o realismo literário (heranças de Stendhal e Balzac) e a ironia.<sup>34</sup>

Tanto *Memórias póstumas* quanto outros romances machadianos são construções textuais que se ancoram na ficcionalidade. Contudo, o ato de narrar remonta à experiência de vida de uma sociedade. Isso Machado de Assis fez com primazia em suas narrativas: desmascarar a vida cotidiana da corte. Os senhores egocêntricos, os escravos oprimidos, as moças casadoiras, a política de do Imperador Pedro II eram temas correntes em sua literatura.

O trabalho de Machado de Assis aqui analisado seguiu o processo hermenêutico de mimese até se tornar narrativa, que mais tarde chegou às mãos de estudiosos como Chalhoub. Machado de Assis, a partir de suas influências intelectuais e estéticas, recortou a sociedade carioca oitocentista em sua estrutura social, política, cultural e ideológica e se pôs a visualizá-la. Iniciou-se, assim, a pré-compreensão (mimese I) simbólica do dia a dia carioca, em outras palavras, das estruturas inteligíveis (mentalidades, relações sociais etc.). No segundo momento, a pré-compreensão (experiência) ganha vida narrativa, fixada pela escrita (signos e significados), isto é, torna-se texto (mimese II). Por fim, o texto (que apresenta um universo

33 Ricoeur, *Tempo e narrativa I*, p. 266.

34 Nos trabalhos de ambos os autores, vemos pela primeira vez a representação da vida contemporânea e cotidiana se aproximando do real.

irreal) é lançado ao leitor (mimese III), que irá reconfigurá-lo (conferir significância). Esse leitor não se preocupa com a verdade da trama, faz a leitura sem desconfiança, ele entra no universo do texto como se todo o enredo tivesse ocorrido.

*Memórias póstumas*, em certo sentido, confia uma verdade social ao leitor, ao tentar convencê-lo do mundo da elite carioca — egocêntrico e senhoril — da segunda metade do século XIX. A título de exemplo, a personagem Brás Cubas — o típico senhor dos tempos do Brasil Império — é coerente e fiel no que concerne à representação do arquétipo social figurado pelo patriarcalismo, haja vista que essa figura (imaginária) aparece na trama vestindo a roupagem do cotidiano do real senhor escravista carioca. Assim, com o fito de convencer o leitor sobre uma realidade tangível — já que a intenção da ficção é com o que poderia ter sido, ou seja, não há obrigatoriedade de conectar tempo fictício ao tempo real — a personagem Brás Cubas salta das entrelinhas do romance aos olhos do leitor, apresentando-se como um elemento ficcional, porém reflexo do que foi real um dia.

Interessante observar que a ficção é quase histórica. Logo, a ficção machadiana é quase histórica, uma vez que ela relata fatos passados por meio da voz narrativa que se direciona ao leitor. Diante do exposto, pensa-se que Machado de Assis fez literatura, não história.

\* \* \*

Enfim, o historiador se utiliza dessas fontes literárias para produzir seu discurso, que se pretende histórico. Chalhoub se propôs a isso, quando construiu sua narrativa a partir do pensamento machadiano, ou seja, se ficção é quase história e história é quase ficção, Chalhoub pretende apresentar um Machado de Assis historiador em face dos seus escritos (ficção) que revelam a história da sociedade carioca oitocentista, isto é, a história do Brasil por trás das personagens, da trama, do cenário, do enredo, em resumo, da forma romanesca, parafraseando Georg Lukács.<sup>35</sup>

35 Georg Lukács, *A teoria do romance*, São Paulo, 34, 2000.

## **Machado de Assis historiador: um estudo dos escritos machadianos por Sidney Chalhoub — pensando a narrativa histórica**

A presença da história nos escritos do literato Machado de Assis é tema analisado e interpretado por Sidney Chalhoub. O pesquisador enuncia que foi Machado de Assis um historiador, haja vista que o literato interpretou a história da sociedade oitocentista. A representação histórica foi o legado de Machado de Assis à cultura brasileira; ao narrar, o literato teria desenvolvido um trabalho de historiador, em seus romances, crônicas e contos.

O historiador Chalhoub acredita que Machado de Assis interpretou o processo histórico da segunda metade do século XIX.<sup>36</sup> O literato teria enxergado o processo social que se ligava aos demais processos (político, cultural etc.), que efervesciam no cotidiano brasileiro, em especial, na sociedade da corte, centro urbano e político mais importante do Brasil. Desse processo, destacam-se: o paternalismo, a dominação senhorial e o escravismo. Tais elementos eram típicos nas estruturas sociais e políticas do Rio de Janeiro, a capital do Império, contexto trabalhado por Machado de Assis. Assim, à luz de *Memórias póstumas*, o historiador Chalhoub estuda o período áureo da dominação senhorial — o chamado “tempo saquarema” — com a finalidade de pensar a história brasileira em outra acepção, de reconstruir o retrato da sociedade da capital do imperial.

Com relação à dominação senhorial, Brás Cubas era titular do poder senhorial de acordo com Chalhoub. Na seção anterior, o excerto da obra machadiana traz algumas descrições da personagem Brás Cubas. Ficam patentes no recorte textual as dimensões do poder senhorial, bem como a mentalidade da classe dominante e também o universo escravo. São esses elementos que saltarão aos olhos do historiador, haja vista que a literatura dá o seu testemunho histórico do passado. Talvez isso não seja tão evidente, mas as entrelinhas do texto ficcional revelam a realidade concreta da sociedade e da época. O enredo e as personagens fornecem ao historiador informações raras que, se peneiradas, resultam em manancial de peças para se configurar os rastros do Outro.

Assim, partindo do pressuposto de que o historiador, quando faz história, fabrica seu próprio discurso, ou seja, fabrica um texto, uma

36 Chalhoub, *Machado de Assis, historiador*.

narrativa, observa-se que narrativa é uma forma de relatar a historicidade.<sup>37</sup> Desse ângulo, ela recompõe a experiência de vida de um ser ou sociedade. Nesse sentido, o historiador Chalhoub mergulhou no mundo do texto machadiano com o fito de entender a história por meio da literatura, construindo uma narrativa histórica na qual Machado de Assis aparece como historiador, não como outros historiadores contemporâneos seus, mas como alguém que enxergou no escravo, por exemplo, um ser social — sujeito e ator — dinâmico na ordem social do Segundo Reinado. Para tanto, com relação ao texto histórico, Chalhoub passou pelo processo de mimese I, II e III.

Sabe-se que o processo de mimeses é cíclico. Nesse sentido, Chalhoub leu a narrativa ficcional e interpretou o escrito aprofundando-se nos seus domínios textuais ficcionais, por meio da trama, personagens e cenários. Do mundo de leitor, no período da refiguração (mimese III), Chalhoub busca seu material historiográfico (fonte literária machadiana, fonte documental) com o objetivo de ter o pré-conhecimento do mundo inteligível em que iria se inserir (mimese I). Após esse momento, o historiador adentrou a mimese II, quando construiu a intriga, defendendo a tese de que Machado de Assis seria um historiador. Nesse momento, a intencionalidade, voltada à reconstrução do passado da corte do Segundo Reinado, é acionada. Por fim, Chalhoub ofereceu seu texto ao leitor (mimese III); logo, a atividade recriadora do leitor completa o círculo hermenêutico.

O texto do historiador está preocupado em revelar o real — o que foi um dia. Entende-se que a verdade não é necessariamente o elemento requerido pelo leitor da narrativa histórica — ele não é um sumo sacerdote dos princípios positivistas da física de Auguste Conte. Contudo, uma narrativa plausível e honesta é o mais esperado por quem a lerá.

O texto de Chalhoub não só relata a ideologia senhorial do século XIX, mas também o mundo que se edificava ao redor do senhor, o qual se estruturava ao seu bem prazer. O historiador enuncia que os acontecimentos da Regência e Segundo Reinado imprimiram na obra machadiana seus efeitos sociais, políticos e ideológicos. O texto de Chalhoub enfatiza essa perspectiva.

37 Michel Certeau, *A escrita da história*, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2002.

Interessante ressaltar que o historiador não só teve acesso aos textos literários machadianos, como também buscou outros documentos como relatórios, minutas etc., encontrados no Arquivo Nacional, os quais foram redigidos pelo Machado de Assis enquanto funcionário público do Ministério da Agricultura. Isso trouxe mais elementos para se pensar um Machado de Assis historiador e, assim, configurar uma intriga (narrativa histórica), sinônimo de discurso fixado pela escrita, que apresentasse o passado real da época. Aqui Chalhoub tem um compromisso com o passado, com a memória dos mortos.

Chalhoub conclui que Machado de Assis foi um historiador, pois seus escritos foram influenciados pelas mudanças históricas do período imperial. *Memórias Póstumas*, obra que revela o imaginário da escravidão e do egocentrismo do senhor de escravos, forneceu ao historiador a substância social para a compreensão e a construção de um texto sobre o mundo senhorial do Brasil do século XIX — longe da irrealidade da ficção e próximo do lugar-tenência ou “representância” do passado.<sup>38</sup> Tal mundo estaria às vésperas de sua queda em face da crise do Império, dos ventos de civilizações provindos do continente europeu e, conseqüentemente, do desmantelamento da sociedade escravista.

## Considerações finais

Finda a exposição e análises pontuais, conclui-se que dos esforços intelectuais do filósofo francês Paul Ricoeur, a academia obteve importantes contribuições no campo da hermenêutica. Notou-se que o mundo do texto, fonte de conhecimento de si e do Outro, fonte de memória de uma sociedade ou de um indivíduo, ganhou com o trabalho hermenêutico de Ricoeur um instrumento de interpretação e de compreensão tão caro à apreensão da história e dos percalços da historiografia.

O historiador, ao adentrar os domínios da história, lida com textos, narrativas. A escrita, portanto, proporciona o deciframento dos rastros de um tempo que se foi. O ter sido emparelha-se com o presente a partir do ato

38 Ricoeur, *Tempo e Narrativa III*.

hermenêutico. A leitura do texto (mimese III) encarrega-se desse processo já tratado por Santo Agostinho (a perspectiva do presente do passado).

A narrativa não é um todo homogêneo, ela se bifurca, trifurca em vários caminhos, isto é, há a narrativa histórica e ficcional, por exemplo. Todavia, ambas são textos, discursos fixados pela escrita. Tanto a narrativa ficcional quanto a narrativa histórica configuram e refiguram a experiência de vida de um indivíduo. O surgimento de um texto parte da mimese I (pré-compreensão do mundo inteligível), passa pela mimese II (momento em que acontece a construção textual desse mundo pré-compreendido na sua inteligibilidade) e finaliza na transição do mundo do texto para o mundo do leitor. O leitor interpretará os domínios da intriga fabricada pelo autor e lançará os fios da trama de sua compreensão, de modo que um novo texto se refigurará.

Observou-se que ambos os textos estudados foram construídos a partir do mesmo processo de mimese I, II e III. Eles partem da experiência de vida da pessoa e se encerram na leitura por parte do leitor. Então, o processo segue em sentido circular. Contudo, a intencionalidade e a referencialidade em ambas as narrativas se diferenciam. A narrativa ficcional é irreal, a intenção dispara em direção a variantes imaginativas da experiência de vida; a referencialidade é o poder ser. Já a narrativa histórica é real, intenta buscar uma verdade mais próxima do ter sido; a referencialidade é o passado real (os documentos são importantes, nesse sentido).

Muito já foi discutido e pontuado em relação ao mundo do texto trabalhado por Ricoeur. Entretanto, uma questão ainda paira neste artigo, ou seja, Machado de Assis foi historiador? Tendo em mira os conceitos de Ricoeur sobre o mundo do texto, acredita-se que o texto machadiano (ficcional) difere do texto de Chalhoub (histórico), por razões teóricas já trabalhadas. Partindo dessa constatação, pensa-se que Machado de Assis não foi um historiador como arguiu Chalhoub. Antes de tudo, ele foi um literato e como um literato escreveu seus romances, crônicas e contos, objetivando criticar a estrutura social do Rio de Janeiro imperial. Machado de Assis produziu narrativas, assim como um historiador as produz. Nesse sentido, é sabido que um historiador, quando faz história, constrói seu próprio discurso.<sup>39</sup>

39 Certeau, *A escrita da história*.

Finalmente, a intencionalidade e a referencialidade apontadas por Ricoeur são elementos que justificam a abordagem narrativa de Machado de Assis e a postura profissional desse homem das letras em face da leitura do cotidiano da sociedade escravista da corte.

---

recebido em 25/08/2012 • aprovado em 12/10/2012